

GRUPOS DE PRESERVAÇÃO SE MOBILIZAM

Suleste-Aquidabã ameaça história de Campinas



O prédio é marco histórico-industrial de Campinas

O "Lidgerwood" sediou nossa primeira fábrica

O edifício "Lidgerwood", conforme dados bibliográficos, foi uma das primeiras fábricas a ocupar a área próxima à estação. A antiga fábrica de máquinas de beneficiamento de café, inventadas pelo norte-americano de mesmo nome, veio através de sua presença, reforçar a importância da cidade como centro das transformações econômicas, trazendo benefícios, não só a Campinas, mas ao estado e mesmo ao Brasil. A fabricação de suas máquinas naquele local mostra também a mentalidade progressista dos fazendeiros de café da região; isto no que se refere à consciência de seus interesses de classe, em relação aos fazendeiros do Vale do Paraíba. Esses ainda persistiam em utilizar processos de beneficiamento extremamente morosos.

As diversas máquinas "Lidgerwood" eram alimentadas automaticamente, por meio de condutores e se compunham de ventilador de coco, descascador, ventilador dobrado, separador de tipos de contador. Lidgerwood produziu também motores a vapor. O resultado disso, foi o incremento de nossas exportações de café.

Tal consciência de classe, dos fazendeiros de café de Campinas, não se restringia por sua vez, à utilização

de máquinas na lavoura, mas abrangia também a preferência pelo braço livre (imigrante europeu) ao braço escravo, pela sua maior rentabilidade. Abrangia também a necessidade de ampliação das estradas ferroviárias e rodoviárias, para facilitar o escoamento da produção local aos portos de Santos para a exportação.

A estação, situada um pouco ao sul do núcleo primitivo da cidade, polarizou e atraiu para si a marcha urbana. A antiga rua São José, hoje Treze de Maio, tornou-se na época, a principal via de comunicação entre o centro da cidade e a estação. E nela se instalaram depósitos de café para pronto embarque, residências e estabelecimentos comerciais.

As áreas existentes entre o centro da cidade e a estação, antes vazias, foram rapidamente urbanizadas. Com a construção da Via Anhangueira, no final da década de 40, a ocupação se intensificou, no sentido norte e sul, principalmente junto aos acessos que ligaram o centro da cidade à estrada de rodagem. A estação ferroviária teve sua presença em relação à cidade ainda mais valorizada, pois situa-se próxima ao entroncamento entre as avenidas que cortam o centro.

Se a Prefeitura não encontrar outra forma de traçado para a ligação da avenida Lix da Cunha (antiga Suleste) à avenida Aquidabã, importante parte da história da cidade deixará de existir: o edifício onde funcionou a primeira indústria de Campinas, em 1868. A Indústria Lidgerwood, hoje desativada e pertencente à Fepasa, funciona como estacionamento da empresa ferroviária. Os grupos preservacionistas já estão se mobilizando para que a demolição não aconteça e lutando para que o prédio, de características inglesas, seja tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arquitetônico e Turístico, o Condephaat.

Pedido nesse sentido foi encaminhado, em 1985, por José Roberto do Amaral Lapa e Ademir Gebara, do Grupo de História Regional da Unicamp, e por Sérgio Monteiro Portela Santos e Roberto de Almeida Floeter, da Sociedade Febre Amarela. Eles têm informações de que o Condephaat abriu um processo de tombamento, fato, no entanto, que não pôde ser confirmado, uma vez que o órgão patrimonial está, no momento, sem presidência e sem conselho, funcionando apenas com sua parte técnica. Mas, de qualquer forma, o fato de ter sido aberto um processo, já impediria a Prefeitura de autorizar a demolição para a construção do novo traçado viário.

O pedido de tombamento foi feito levando em consideração a riqueza arquitetônica caracterizada pela influência dos valores construtivos ligados à implantação das ferrovias, mas, também, por ser parte significativa da história de Campinas, intimamente ligada à expansão do café e à industrialização da cidade, quadro que compõe um desenvolvimento social e urbano significativo à memória cultural. No pedido, os assinantes relatam a necessidade de medidas urgentes "devido ao risco iminente de demolição pelo poder público local, que pretende fazer passar uma via expressa sobre o terreno onde se encontra implantado este bem histórico".

Para evitar a desapropriação, os moradores da área vão entrar na Justiça com uma ação popular contra a Prefeitura de Campinas. A ação vai questionar a legalidade do processo.



A Fepasa pode prejudicar os planos de ligação da Suleste-Aquidabã

O funcionamento da fábrica prejudicado pela epidemia

A Lidgerwood Manufacturing Ltda foi fundada em Campinas em 1868 e já existia desde 1860 com um escritório da companhia no Rio de Janeiro. Nos Estados Unidos ela instalou-se em 1801, na Escócia em 1860 e em Jawa em 1868. É interessante notar que foram instalados depósitos e oficinas na cidade de São Paulo somente em 1889, ano que coincide com um grave surto de febre amarela que assolou Campinas e que chegou a prejudicar o funcionamento de muitas indústrias da cidade pela falta de mão-de-obra, pois a população, em sua maioria, fugiu da epidemia e os que ficaram foram, em grande parte, dizimados por ela.

Não é apenas por coincidência que o ano de fundação desta indústria é o mesmo do lançamento da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (1868), afirmação garantida pelo fato de sua instalação ter ocorrido na vizinhança imediata ao que seria mais tarde a estação daquela ferrovia.

Em 1885, quando aconteceu a

"Primeira Exposição Regional da Cidade de Campinas", a fábrica Lidgerwood ainda não havia completado suas oficinas, embora se tenha notícia de que já ocupava "85 oficinas, mas uma vez terminadas as obras, oferecerá espaço para 300 operários".

Tem-se também notícias de que ali funcionara "um curso noturno de mecânica industrial prática para os empregados do estabelecimento".

Durante a febre amarela, a "Associação Beneficente Lidgerwood" prestou relevantes serviços à população de Campinas, muito embora o comendador Lidgerwood (fundador da indústria) já não se encontrasse na cidade. Não se tem conhecimento de quando esta indústria encerrou suas atividades; sabe-se no entanto que o seu funcionamento atingiu a década de 20.

A indústria

Esta indústria mecânica e importadora fabricou máquinas agrícolas (catadores, brunidores, despaldado-

res, secadores), para beneficiar não só café, mas também arroz, açúcar, milho, para algodão e madeira, além de artefatos de arar a terra, motores a vapor e hidráulicos. Produzia materiais para estradas de ferro, lubrificação, óleos, correias, eixos, mancais. Fabricou carros de luxo, troleys para viagem e carroças. Possuía fundição de ferro e bronze e oficina de carpintaria.

A instalação desta e de outras indústrias de fundição, que possibilitaram a mecanização de uma parte do processo de beneficiamento do café, coadjuvado à construção das ferrovias, inaugurou um novo momento histórico para a região, que passou a ser conhecida como a capital agrícola da província.

Esses dados foram coletados originalmente para a tese "As Origens da Indústria em Campinas (1850-1930)" pela pesquisadora Ema Elisabete Rodrigues Camilo, para obtenção do grau de Mestre em Sociologia, do Departamento de Ciências Sociais da Unicamp.